

25
MAIO
10H

**BIBLIOTECA DO
CAMPUS DE GAMBELAS
UNIVERSIDADE
DO ALGARVE**

**ENTRADA
LIVRE**



**ANTÓNIO
LOBO
ANTUNES**

1942-2026

COLÓQUIO

Livro de resumos

“Experimenta a direita”: a escrita ambidextra de António Lobo Antunes

Felipe Cammaert (CLLC–UA)

O gesto de escrita é um elemento fulcral na obra de António Lobo Antunes. Em várias das suas crónicas, o escritor debruça-se sobre este tema, quer no âmbito de uma reflexão geral sobre o ofício de escrever, quer numa perspetiva metaliterária, em que os seus processos criativos são mormente mencionados num registo figurado. Para além disso, o ato autógrafo é um outro elemento constitutivo da arte poética antuniana, através da função das mãos. Na *Crónica das mãos*, podemos ler: “Durante anos e anos, até aos vinte e tal, escrevia sempre com a esquerda e o que saía não me agradava: vários livros inteiros para o lixo. Farto daquilo zanguei-me com ela, passei a caneta para o lado oposto e apareceu-me a Memória de Elefante. Era o que eu procurava, ou seja o embrião do que eu procurava.”

Ora, esta espantosa lateralidade esconde um caso muito singular de ambidextria literária, materializada nas várias fases que compõem o processo de escrita. Apoiando-nos numa escolha de textos, entrevistas e manuscritos do autor, o nosso objetivo é comentar as relações entre autobiografia, gênese, texto e paratexto, no intuito de salientar o lugar central que ocupa Lobo Antunes na literatura contemporânea.

Felipe Cammaert é Investigador Auxiliar do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC/DLC), onde desenvolve um projeto sobre a tradução da literatura portuguesa pós-imperial, ao abrigo do Concurso Estímulo ao Emprego Científico Individual (CEECIND–FCT). É Doutor em Estudos Românicos e Literatura Comparada pela Universidade Paris–Nanterre. Foi investigador em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Nacional da Colômbia, entre outros, e docente nas Universidades de Picardie (França), Los Andes (Colômbia), Lisboa e Aveiro (Portugal). Publicou, além de outros textos, o volume *Passados Reapropriados: Pós-Memória e Literatura* (Afrontamento, 2022).

Os rios romanescos de António Lobo Antunes

João Minhoto Marques (FCHS, UAIG – CLEPUL, FLUL)

Publicado em 2010, o romance *Sóbolos Rios que Vão*, de António Lobo Antunes, parte das famosas redondilhas camonianas para refletir acerca do tempo, equacionando-o de diferentes modos: por um lado, a intemporalidade colhida no saltério e no discurso do poeta quinhen-

tista; por outro, a temporalidade interior da vivência pessoal, marcada pelo pensamento da morte. A conformação destes planos nem sempre pode ser considerada harmoniosa, sendo mesmo possível reconhecer-se uma dimensão transgressiva tecida e produzida no domínio do discurso narrativo. Sinal disso é ainda, e de outra forma, o trabalho sobre o género, num ato simultaneamente corrosivo desse mesmo discurso e construtivo de uma identidade em processo de autognose. Nesta comunicação estudar-se-á, assim, o trabalho sobre o tempo, a memória e a identidade, sob o signo da vida e da consciência da morte.

João Minhoto Marques é licenciado e mestre pela Universidade de Lisboa e doutorado em Literaturas (especialidade de Literatura Portuguesa Contemporânea) pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Foi bolseiro de investigação pelo ICALP e integrou a equipa responsável pela elaboração do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, no Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia das Ciências de Lisboa. É professor na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve. Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) e colaborador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC). A sua investigação tem-se centrado sobre as literaturas portuguesa e brasileira, da época moderna e contemporânea. Para além da publicação de artigos em revistas e livros, editou as *Obras* de Cândido Guerreiro (2 volumes, em 2013 e 2014) e o *Cancioneiro Popular do Concelho de Loulé* (5 volumes, em 2021). Coordena o projecto Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro.

A palavra e o som: António Lobo Antunes como letrista

Sara Vitorino Fernández (FCHS, UAIG – CIAC)

António Lobo Antunes, embora consagrado como um dos maiores romancistas contemporâneos, revela na escrita de letras de canções uma faceta mais concisa, mas igualmente profunda, da sua genialidade. Esta incursão pela música, longe de ser um mero exercício lateral, é uma extensão natural da sua prosa rítmica e polifónica, onde o quotidiano se cruza com o trauma e a memória. Colaborando com figuras centrais como Carlos do Carmo, Vitorino, Mísia ou Cristina Branco, o autor transporta para o formato da canção a densidade psicológica que define a sua obra literária.

As suas letras são povoadas por uma melancolia tipicamente portuguesa, mas despojada de sentimentalismos fáceis. Lobo Antunes utiliza a economia de palavras para criar imagens visuais poderosas, onde o amor, a solidão e a passagem do tempo ganham uma dimensão quase tátil. No fado, em particular, encontrou o veículo ideal para a sua “tristeza alegre”, provando que a fronteira entre a alta literatura e a cultura popular é, na verdade, uma linha fluida. Ao escrever para música, Lobo Antunes não simplifica o seu pensamento; antes, oferece-nos uma porta de entrada melódica para o seu universo denso e fascinante.

Sara Vitorino Fernandez é doutorada em Literatura pela Universidade do Algarve (2014), onde concluiu também a Licenciatura em Estudos Portugueses (2002) e o Mestrado em Literatura (2005), sob a orientação do Professor Doutor Petar Petrov. A sua investigação centra-se na metacficção, no Pós-Modernismo e nas relações entre literatura, cinema e outras artes, no âmbito da literatura portuguesa contemporânea. É docente de Português Língua Estrangeira na Universidade do Algarve e membro colaborador do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação. Tem publicado trabalhos em revistas da especialidade e colaborado em diversas obras coletivas. Entre 2013 e 2016, assinou a coluna “Escritores Portugueses” na revista *Lusitania Contact*.

Memória e narrativa fractal numa crónica de António Lobo Antunes

Carina Infante do Carmo (FCHS, UAAlg – CECComp, FLUL)

Prosa alimentar, bricolage, itinerário paralelo da obra romanesca, a crónica em António Lobo Antunes é, não obstante os seus comentários depreciativos, o diário de bordo de uma poética que vale por si, sem por força ter de ser lida a partir da saliência do romance, mas sendo obviamente com ele comunicante de múltiplos modos. O formato breve e fragmentário dessa escrita do tempo tem nas mãos do escritor o desenho de histórias que se repetem em diferentes escalas e numa reiteração de estruturas simples que geram complexidade e desvio, permitindo narrativas infinitas dentro de limites definidos. Daí poder falar-se em “narrativa fractal da crónica” (André Corrêa de Sá), capaz de suscitar ampla afeição dos leitores e enorme potencialidade na figuração da memória pessoal e colectiva e do (auto-)retrato. Essa a ideia central que se tentará exemplificar com a leitura em microanálise de crónicas do escritor.

Carina Infante do Carmo é Professora Associada da Universidade do Algarve. Membro do Centro de Estudos Comparatistas (CEComp, FLUL) e colaboradora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC, UAAlg). Tem estudado autores portugueses novecentistas, o movimento neorrealista e a escrita autobiográfica, em particular o género crónica. Entre as suas publicações mais recentes registam-se *A Visagem do Cronista. Antologia de Crónica Autobiográfica Portuguesa. Séculos XIX–XXI* (2 vols., 2018), *A Noite Inquieta. Ensaios sobre Literatura Portuguesa, Política e Memória* (2020) e, em coorganização com outros autores, *Neo-Realismo e Infância* (2019), *Presença e Memória. Homenagem a Paula Morão* (2022), *Não Esquecerei o que Então Chamámos Esperança: Antologia de Crónica Autobiográfica sobre a Revolução de Abril* (2024) e *Contar de Abril. Revolução e Testemunho* (no prelo). Curadora das exposições *Miúdos, a Vida, às Mãos Cheias. A Infância do Neo-Realismo Português* (com Violante Magalhães, Dez. 2017–Set. 2018) e *Escrever é Lutar. Escritores Neo-Realistas e a Revolução de Abril* (Abril–Nov. 2024), ambas no Museu do Neo-Realismo.

Cartas da Guerra: António Lobo Antunes no Cinema

Jorge Carrega (CIAC- UAIG)

A comunicação propõe uma análise do filme *Cartas da Guerra* (2016), de Ivo Ferreira, a partir da sua relação com a obra homónima de António Lobo Antunes, situando-o no contexto do cinema português contemporâneo e no quadro mais amplo do cinema de guerra. Baseado nas cartas escritas por Lobo Antunes à mulher durante a Guerra Colonial, o filme constrói uma narrativa intimista que privilegia a memória, a subjetividade e a fragmentação do discurso, elementos centrais da escrita de Lobo Antunes.

Enfrentando o desafio de transpor para o cinema uma linguagem literária marcada pela densidade poética, pela introspeção psicológica e pela recorrência da voz interior, o realizador Ivo Ferreira opta por uma estética depurada, em preto e branco, onde o ritmo contemplativo, o uso da narração em *off* e a composição visual dialogam com a dimensão epistolar do texto e com a experiência da guerra como trauma e desassossego.

Cartas da Guerra inscreve-se, por isso, numa tradição do cinema português que privilegia a reflexão histórica e a experimentação formal. Mais do que uma ilustração do texto literário, o filme afirma-se como um gesto autoral que problematiza a memória colonial portuguesa e confirma a vitalidade do diálogo entre literatura e cinema na cultura portuguesa contemporânea.

Jorge Carrega é investigador integrado do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, onde coordena o Grupo de Trabalho em Estudos Fílmicos e organiza o Colóquio Internacional Cinemas do Mediterrâneo. Doutor em Comunicação, Cultura e Artes pela UAIG (2014) e Pós-Doutoramento com o projeto “1950–1974: Géneros Populares e Cinema Transnacional na Europa Mediterrânea”, é autor de sete livros e publicou dezenas de artigos em revistas académicas nacionais e internacionais. Presentemente integra a direção da AIM – Associação dos Investigadores da Imagem em Movimento.

Programa

10.00

Receção aos participantes

10.15

Abertura (Reitoria da UAIG; Direção da FCHS;
Direção do DAH)

SESSÃO 1

Moderação: Carina Infante do Carmo
(FCHS, UAIG – CECComp, FLUL)

10.30

**Conferência de abertura: Felipe Cammaert
(CLLC-UA)**

*“Experimenta a direita”: a escrita ambidextra de
António Lobo Antunes*

11.10

Pausa

SESSÃO 2

Moderação: Pedro Sousa (FCHS, UAIG – CIAC)

11.30

João Minhoto Marques (FCHS, UAIG – CLEPUL)

Os rios romanescos de António Lobo Antunes

12.00

Sara Vitorino Fernandez (FCHS, UAIG – CIAC)

*A palavra e o som: António Lobo Antunes como
letrista*

12.30

Diálogos



Transmissão
bit.ly/4umhsR4

SESSÃO 3

Moderação: João Minhoto Marques
(FCHS, UAIG – CLEPUL)

14.00

**Carina Infante do Carmo
(FCHS, UAIG – CECComp, FL-UL)**

*Memória e narrativa fractal na crónica de
António Lobo Antunes*

14.30

Jorge Carrega (CIAC, UAIG)

*Cartas da Guerra: António Lobo Antunes
no Cinema*

15.00

Diálogos

SESSÃO 4

15.15

Leitura de excertos da obra de António
Lobo Antunes

Comissão Organizadora

Carina Infante do Carmo
(FCHS, UAIG – CECComp, FLUL)

João Minhoto Marques
(FCHS, UAIG – CLEPUL)

Jorge Carrega
(CIAC, UAIG)

Pedro Sousa
(FCHS, UAIG – CIAC)

Sara Vitorino Fernandez
(FCHS, UAIG – CIAC)

Comissão de Comunicação e Logística

João Paulo Cunha
Juan Manuel Escribano Loza

ORGANIZAÇÃO